

Conclusões do Congresso Internacional “As artes na Educação Especial”. **Vila Nova de Famalicão, 25 de maio 2019**

O movimento dos corpos deu as boas vindas ao Congresso Internacional “As artes na Educação Especial”. De imediato se percebeu que seriam três dias de emoção, de verdade, de elasticidade. Elasticidade do corpo e da mente. A arte é isso mesmo. Para ser especial, tem de testar os limites. Na verdade, diluir esses limites, através da imaginação e criatividade.

Este Congresso revelou que as artes na educação especial é um assunto atual e premente das agendas social, cultural e educativa. E pensar a educação não é exclusivo de grupos, sectores ou profissões. É uma responsabilidade de todos. Aqui estamos todos, a assinalar o encerramento de três dias de trabalho, árduo, mas comovente; sério e pertinente.

É a diferença que nos torna semelhantes.

Refletiu-se sobre Arte. Criatividade. Inclusão. Participação. Palavras fortes. Chavões que quase obrigam a respirar fundo antes de os dizer. É reconhecido por todos! Todas as escolas deveriam ser escolas de arte, que valorize a singularidade de cada um. Aceitar a diferença.

Vivemos em dias normalizados, planos, rasos nas relações interpessoais. Não vos sabe a pouco?

Só quando conseguirmos perceber a diversidade humana, é que deixará de haver lugar à inclusão, à exclusão ou a qualquer forma de discriminação. A Escola será um lugar de todos para todos.

Um dia seremos “pessoas sem rótulos”, adjetivos ou demais discriminações. Seremos simplesmente Pessoas! Quando esse dia chegar, vai chegar, atingiremos o zénite da evolução concetual sobre a humanidade.

É tudo uma questão de humanidade, respeito e dignidade.

Aliás, ouvimos a suspeita de que, se o mundo fosse só para os “normais”, estaríamos provavelmente extintos. Se formos todos iguais não podemos oferecer nada de diferente aos outros.

Foi-nos oferecido um olhar estético sobre o corpo na educação especial, revelando que todo o corpo é especial. Cada Homem, cada corpo, é único. Todo o corpo humano é limitado de alguma forma. O corpo é a evidência expressiva dos itinerários de uma existência real, por isso singular.

As diversas formas artísticas podem contribuir para comunicar e quebrar as barreiras sociais, deixar um rasto positivo, promover o desenvolvimento, a empatia, a confiança.

Falámos da arte de brincar.

Percebemos que a realidade do nosso país irmão é semelhante à nossa. A educação pelas artes ainda é precária. É necessário respeitar os ritmos, compreender as diversidades, de modo a atender o público com mais dificuldades.

Montar, colorir, pintar, cantar, dançar... aprender. Brincar! é um exercício de imaginação e busca de novas habilidades que enriquece o processo de aprendizagem de qualquer criança – tenha ela ou não uma deficiência.

Na calha do Decreto-lei 54/2018 percebe-se que devemos consagrar a necessidade de respostas adequadas e atempadas para todos, sem exceção. Todos contam, independentemente da sua condição, das suas dificuldades e daquilo que as origina. Todos e cada um dos alunos, dos indivíduos, independentemente da sua situação pessoal e social, devem encontrar respostas que lhes possibilitam a aquisição de um nível de educação e formação facilitadoras da sua plena inclusão social.

A diversidade é uma realidade quotidiana. Em qualquer espaço de trabalho somos diferentes e diversificados. Os profissionais da educação precisam saber como enfrentar essa situação. Discutimos sempre as boas práticas, mas haverá boas políticas? Onde está a consideração pela diversidade nos extensíssimos currículos, por exemplo, que obrigam os professores a cumprir? Haverá espaço para a criação artística?

Defendemos o poder da arte como agente de inclusão social padronizada, porque a universalidade da sua linguagem supera as dificuldades de comunicação própria das línguas faladas e escritas.

Mas de que falamos quando falamos de inclusão? Não teremos uma resposta objetiva, mas todos concluímos que deveria cair do nosso vocabulário quotidiano. Inclusão é deixar de haver necessidade de processos inclusivos.

Mas já começam a surgir novas visões e investimentos, na criação de ferramentas que ajudam a desenvolver ideias criativas. É o resultado do reconhecimento do papel do design ou da tecnologia na coesão social e na valorização das pessoas, para que a miragem da inclusão se dissipe de uma vez por todas.

É a diferença que nos torna semelhantes, sabiam?

E de que arte falamos?

O Teatro. Poderoso meio de inclusão, de coesão social. A ação teatral exige uma interação equitativa, leal e responsável. Teatro é pedagogia viva, ativa e inclusiva. Ninguém fica à margem. É voz, é emoção, é intervenção, é festa. É ritual onde emerge o reino da participação. Tem ainda dimensão terapêutica, porque o teatro liberta e leva-nos a superar medos, inibições, recalcamientos e frustrações.

Tivemos uma breve panorâmica do uso terapêutico das técnicas do teatro de objetos, marionetes ou fantoches em pessoas com diferentes deficiências. Criar um fantoche é criar uma ligação entre o construtor e o personagem criado. Esta ligação acontece através de toda a escala de emoções que ela desperta. Devemos ter cuidado, então! Não vá o fantoche, pela dificuldade de criação, tornar-se um obstáculo para a criatividade.

Aliás, devemos cuidar das nossas emoções, verdade? E das emoções do outro. O movimento, a coreografia, a relação com o espaço e com a realidade do outro, tudo está vinculado ao trabalho das emoções.

E como no teatro, a dança...

A dança já não é mais exclusiva de palcos e sabrinas. A dança está na rua, na praça, nos corpos, na mente... isenta de moldes, para que se alcance as mais diversas formas de construção, para todos os públicos, cada um à sua maneira.

De mãos dadas com a educação, a dança revela ser um incentivo ao aumento da afetividade positiva. O movimento faz-nos gostar mais uns dos outros. Sem medo.

Quando falamos de deficientes falamos de medo, não é? Medo da diferença. Medo de não ser capaz de lidar com o que o outro não é capaz de fazer ou dizer ou pensar. Mas é urgente trabalhar esse medo, essa insegurança. Essas emoções negativas.

A dança ajuda à desmistificação de mitos, tabus, receios... Une as pessoas na singular coreografia da vida. Exige criatividade, originalidade, mas também adaptação, mudança, ação.

Da dança para a música, como intervenção social, cultural e educativa. A música como meio para alcançar outros fins. A música que cria um ambiente educativo inclusivo, longe das utopias escolares, mais próximo das ambições terapêuticas concretas, onde importa envolver a comunidade e não apenas o indivíduo.

Usar a música, para tocar... tocar o coração. Porque a música comove. Porque ela é o caminho, com constantes chegadas e partidas.

Na arte, recorde, na arte nada é finito. Tudo é uma constante metamorfose, um trabalho contínuo.

Servirá a arte para reagir ao preconceito. Porque não reagir com engenho, com arte? promovendo a reflexão crítica, o pensamento divergente, a originalidade.

A arte pode ser vista como o contributo pessoal da revolta, da insurreição de quem é olhado de soslaio é quer demonstrar que pode, deve, ser considerado.

A arte é premissa para ser em liberdade, para gozar de uma participação ativa na sociedade, num exercício de cidadania plena.

Tivemos o prazer de ouvir uma ode à “Sexualidade na deficiência”
“O sexo algo divino, santo. Este assunto tão cadente mostra que deficiência e sexualidade é uma temática premente da pessoa deficiente. Urge com os mitos acabar e o preconceito minimizar”.

Porque é a diferença que nos torna semelhantes. Tenho ideia que já vos tinha dito...

Nas oficinas e workshops, foi possível descobrir a teoria na prática e partilhar conhecimentos e experiências nas mais diversas vertentes artísticas: dança, teatro, pintura, expressão corporal, música, mimo. Foi possível confirmar, nas diferentes práticas, que cada um tem o seu tempo. O tempo comum não é o tempo de cada um. Há quem precise de mais tempo, outros de mais espaço, outros ainda de mais sabor, cor... Descobrimos que a inclusão só irá acontecer quando a maior das barreiras para a inclusão, desaparecer. E não são barreiras físicas. As barreiras são atitudes, preconceitos, cinismo das políticas... ainda tão longe das práticas.

Mas há bons exemplos e as oficinas realizadas confirmaram isso mesmo. Foi possível deixar de falar deles para começar a falar de nós. Os outros somos nós.

É mesmo a diferença que nos torna semelhantes...

Conhecemos gente extraordinária!

Há pessoas que são fonte de inspiração e percebe-se de imediato que fazem bem ao mundo, tornando-o num lugar melhor. Quem faz da palavra escrita a sua arte demonstrou que ser deficiente (acreditam nisto?) é ser dotado. As pessoas com deficiência têm o dom. O dom de ultrapassar barreiras; o dom de contrariar preconceitos, o dom de ignorar críticas, o dom de desconsiderar olhares de soslaio, o dom de olhar os outros como semelhantes, mesmo que esses outros apenas notem a diferença.

Conheceram-se Iniciativas e Projetos

O projeto "SOMA – Dançaterapia e musicoterapia inclusivas", demonstrou que a dança e a música vão além das palavras e permitem criar pontes de comunicação e expressão profunda. São tratamentos indolores, não invasivos, que permitem reconhecermo-nos a nós próprios e reconhecer o outro. Sim!, movimento e música têm propriedades curativas. Esse é o seu poder. Oferecer poder ao indivíduo, independentemente das suas competências e capacidades artísticas.

E ficou uma lição: As terapias são para dentro de portas, não são entretenimento.

Com o corpo conto uma história. Foi partilhada a história do grupo Corpus, criado na ESE de Coimbra, há cerca de 6 anos, que integra na estrutura surdos e ouvintes que querem dizer algo através do teatro. O extraordinário livro “A Grande Fábrica de Palavras” foi o guião ideal para o teatro extracurricular no ensino superior se transformar num espaço de cruzamento identitário.

O que dizer do trabalho desenvolvido pela Amicaf – Associação dos Amigos da Cultura e do Ambiente de Fiães, em Santa Maria da Feira, através do grupo Academia iDance Terras de Santa Maria? Provam que a arte do movimento ultrapassa o preconceito e o prejuízo.

Conhecemos o trabalho desenvolvido pela Companhia “ Era uma vez ...teatro”, da Associação do Porto de Paralisia Cerebral, sobre o qual nenhuma palavra, escrita ou falada, faz justiça à realidade. Quem não conhece, devia conhecer. Uma palavra! Comovente.

É a diferença que nos torna semelhantes, caramba!

Conhecemos a Maggie – uma Golden Retriever de 4 anos, treinada em intervenções assistidas por animais, que, com a sua bondade, inteligência e ausência de preconceito, nos faz questionar – eu questioneei –. Seremos nós os racionais? Para que serve essa racionalidade se não for para servir a humanidade?

Conhecemos o projeto “IN Póvoa – Praia para Todos”, que nos trouxe uma visão particular acerca do novo paradigma, que é o desafio com que hoje nos confrontamos: a acessibilidade entendida nas suas múltiplas vertentes. O sol quando nasce é para todos. Os lugares são de todos, mas só acessíveis a alguns.

Vimos o projeto “Um para todos”, do Instituto Nacional de Artes do Circo, daqui de Vila Nova de Famalicão. Um mundo amado por todos. Foi belo perceber como pessoas com deficiência se apropriam do circo e fintam a angústia da vida com os malabarismos da arte.

Visitamos o ateliê de pintura do Centro de Apoio Social do Pisão, Cascais, que usa a pintura como hobby terapêutico, para desenvolver uma série de competências, mas essencialmente, para aumentar a autoestima através da exposição dos trabalhos e divulgar o trabalho artístico dos participantes. Não há nada melhor que termos um fraquinho por nós próprios.

Porque a diferença torna-nos semelhantes...

E olhem! Fomos desafiados a “comprar um poeta”... por medida, numa inusitada loja na Baixa de Coimbra. Um extraordinário projeto do Grupo de Teatro Projeto Estúdio, da Associação de Paralisia Cerebral de Coimbra. Porque a poesia faz parte da pirâmide das necessidades, sim! Porque é espaço de encontro, encantamento e riso. E a educação, de hoje como no futuro, deve ser isso mesmo: encontro; encantamento e riso.

E à boleia das palavras de Laborinho Lúcio, tem-se crescido sem isso – sem encontro, sem encantamento, sem riso, e não se acredita no futuro com «happy end» porque ao retirar estas palavras do espaço de aprendizagem, qualquer que seja, retiramos-lhe o prazer e por isso, a liberdade.

Durante estes 3 dias, tivemos liberdade, para pensar, imaginar, refletir, discutir, criar, experimentar... novos caminhos para a arte na educação especial.

Está aberta a porta para novas atitudes perante a diferença.

Por favor, não a voltem a fechar com medo das correntes de ar!

Obrigado!